

ANDRÉ, Jacques. *Aux origines féminines de la sexualité*, Paris, P.U.F., 1995 (Bibliothèque de psychanalyse).

O A. faz aquilo a que se pode chamar um retorno a Freud sem Lacan para repensar a ou as funções do pai na estruturação do sujeito. Recusando reduzir o pai à função simbólica que desempenha no Édipo, o A. retoma a figura do pai pré-edipiano e reavalia a sua função na psico-génese da feminidade considerada como constituinte de todo o sujeito psico-sexual independentemente do sexo anatómico. Jacques André recorre àqueles textos freudianos em que o fantasma de sedução paterna não foi ainda inequivocamente integrado no Édipo — *Fragments d'une analyse de l'hystérie* (1905), *Un enfant est battu* (1919), *Histoire d'une névrose infantile* (1918) — para com eles fundamentar a hipótese de uma feminidade precoce recalcada (a feminidade pelo sujeito e a hipótese por Freud), o que o leva a inverter os termos da célebre frase, tão contestada pelas feministas, segundo a qual toda a menina começa por ser um menino (*La féminité*, 1932): para o A., pelo contrário, todo o menino começa por ser uma menina (o que não significa que a libido seja feminina).

A hipótese de uma coincidência entre psico-génese da feminidade e génese da psico-sexualidade leva o A. a contestar o postulado da *méconnaissance* instintual da vagina. Apoiando-se em críticas dirigidas a Freud por contemporâneos seus, nomeadamente E. Jones, K. Abraham, K. Homey ou L. Andréas-Salomé, o A. reafirma a ideia de uma erogeneidade, logo de um conhecimento precoce da vagina como reacção primitiva à sedução paterna. A erogeneidade desta zona deriva duma outra que a liga confusamente ao ânus: a cloaca. Esta zona é erógena na medida em que o fantasma da sedução paterna se imprime num lugar excitado pelo trânsito fecal e pelas contracções do esfíncter anal. O que é o fantasma da sedução paterna? Para responder a esta pergunta, André analisa a evolução do fantasma *Un enfant est battu* de 1919 a 1925, altura em que *Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes* o reformula. Tal evolução traduz-se no desaparecimento da segunda fase do fantasma que Freud considerou ser a mais importante. A segunda fase é aquela em que o castigo que o pai inflige à outra criança se vira sobre a criança que olha: «je suis battue par le père» que se traduz «je suis battue-coïtée par le baton-pénis du père» numa condensação da substituição regressiva da relação sexual proibida e da sua punição. Se esta fase desapareceu em 1925, é porque ela é incompatível com a teorização do complexo de Édipo feminino que implica uma mudança de zona erógena — do clítoris (análogo do pénis) para a vagina — e de objecto libidinal — da mãe para o pai. Tal mudança define a feminidade pela castração e pelo *penisneid*. Com esta teoria, diz o A., Freud recalcou conjuntamente a erogeneidade precoce da vagina e o pai libidinal, as duas pedras basilares indissociáveis da hipótese de uma feminidade originária. Com as feministas, o A. afirma com força que tal lógica nunca introduziu à diferença dos sexos, mas apenas a um sexo que faz a diferença; e que existe uma feminidade primitiva — cuja zona erógena é cloacal na menina, anal no menino — aquém da redução do feminino ao castrado.

Das duas divisões da feminidade, a castração e a passividade — que ilustra pela comparação da *Mort de Sardanapale* com os estudos preparatórios —, o A. visa distinguir e recuperar positivamente a última. Mostrando excelentemente que o quadro de Delacroix reabsorve a feminidade passiva em feminidade castrada e sadicamente dominada, o A. coloca a questão de saber por que é que a feminidade passiva é perigosa a ponto de ambos os sexos desenvolverem contra ela mecanismos de defesa. Aqui o A. acrescenta o elemento «seduzido» à equação feminino-passivo e reintroduz a figura

do pai sedutor com o seu desejo penetrante, como suporte da hipótese da feminidade precoce, i.e., não fálica. A passividade feminina reproduz a passividade original do nutriente face ao adulto e ao seu inconsciente. A criança seduzida é uma criança-orifício, penetrada por palavras, pelo mamilo, pelo supositório. O A. identifica sedução e penetração, ser-seduzido e incapacidade de dar resposta e sentido aos cuidados e solicitações adultos. Creio que, deste modo, a sedução fica privada da dimensão pulsional que lhe é inerente: a reversibilidade e conseqüente neutralização da oposição activo-passivo. Esta unidireccionalidade da sedução, que esquece que do lado do Outro existe a mesma incapacidade para dar resposta e sentido ao pedido da criança manifesta-se, curiosamente, neste capítulo, por um reforço do falicismo que o A. critica a Freud e a Lacan. O inconsciente adulto é masculino, mesmo o da mãe: é ele que faz preceder o encadeamento seio-pénis do encadeamento pénis-seio. A falicidade do seio significa que há (o pénis do) pai na (no seio da) mãe: através da mamada algo do pai penetra no bebé (pp.114-5).

O principal interesse do ensaio de Jacques André é, quanto a mim, o de contribuir para o debate em torno da função do pai em psicanálise e de relançar a questão da feminidade. Mas esta obra empenhada em colocar a feminidade no lugar prestigiado e mítico da origem — uma origem aquém da determinação simbólica —, acaba por aí colocar o pai sedutor, o que é notório no que me parece ser uma excessiva dependência da feminidade em relação à paternidade (p. 145) — ela mesma excessiva. Pois o pai não é aqui a função simbólica que une o desejo à Lei, mas o pai vivo, figura da entropia libidinal. Mas não será já o papão do fantasma infantil um pai morto, uma figura da castração simbólica (que é o pau senão o significante fálico?), cujo efeito é o da divisão do sujeito no fantasma?

Daí que o falicismo que o A. recusa com o postulado do primado do falo, ressurja em força com o pai pré-edipiano, avatar do totem todo-poderoso: em vez do significante fálico, operador da castração simbólica, corte que des-simetriza irremediavelmente os dois sexos — o que Lacan formula na frase *elles ne sont pastoutes dans la fonction phallique* e na definição do gozo feminino como sendo *au-delà du phallus* —, temos o sexo do papão ... e o papão do sexo como determinantes na definição de uma feminidade que se pretendia não fálica. Além disso, a hipótese de uma pré-feminidade, ainda que fazendo vacilar o primado do falo e reconfortando reivindicações feministas, mais não faz do que reforçar os estereótipos da feminidade: a equivalência ou a continuidade entre o feminino e o infantil, o feminino e o excesso, o feminino e o frágil.

Cristina Alvares
(Universidade do Minho)